O JEANS COMO SIGNO DO DESIGN DE MODA PÓS-MODERNO
THE POST-MODERN SIGN OF FASHION DESIGN: JEANS

Eliana Acar Pedro Mahlmeister
Universidade Anhembi Morumbi
elianacar@ig.com.br

Mini currículo

Mestranda em Design, pela Universidade Anhembi Morumbi, com pesquisa na área de Design, Arte e Moda: Inter-relações. Pós-graduada em Design de computação gráfica pela mesma Universidade. Atualmente é professora titular da Universidade Anhembi Morumbi. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Desenho e em Design de Moda, pesquisa e criação, com assessorias em tecelagens e confecções.

Palavras-chave: Jeans – moda - pós modernidade

RESUMO:

Este artigo é o início de uma reflexão sobre o design de moda pós-moderno, tomando como objeto principal de estudo, o jeans. Será parte da dissertação de Mestrado em Design, Arte e Moda: inter-relações da Universidade Anhembi Morumbi, a ser concluída em 2009.

O ponto de partida será a moda contemporânea, que valoriza e incorpora desde o mais rigoroso processo de alfaiataria, a mais desbotada, desfiada, manchada e rasgada peça do vestuário. Esse levantamento contempla não só os avanços tecnológicos aplicados à fabricação da matéria prima, sua confecção e processos de acabamento, como também os movimentos sociais, artísticos e econômicos que acompanharam essas modificações, suas implicações e significações na relação: homem - objeto – desejo – imagem.

Keywords: Jeans – fashion – post-modernity

SUBSTRACT:

This article is the beginning of a reflection on the design of post-modern fashion, taking as its main subject of study, the jeans. It will be part of the dissertation of Master in Design, Art and Fashion: inter-relations at the University Anhembi Morumbi, to be completed in 2009.

The starting point is the contemporary fashion that values and incorporates since the most strictly process of tailoring until the more faded, stained and torn piece of clothing. This survey covers not only the technological developments applied to the manufacture of raw material, its preparation and finishing processes, but also social movements, artistic and economic changes that accompanied these, its implications and meanings in the relationship: man - object - desire - image .

ARTIGO:

No "vale tudo" da Pós Modernidade, uma peça permanece emblemática: o Jeans. Sua trajetória carrega uma infinidade de símbolos e signos que vão da resistência e praticidade da roupa do trabalhador, passa pela rebeldia, arrojo e agressividade dos movimentos contra-culturais, carrega emblemas de status e luxo, bem como de autenticidade e estilo.

> "No momento em que se eclipsa o imperativo do vestuário dispendioso, todas as formas, todos os estilos, todos os materiais, ganham uma legitimidade de moda: o descuidado, o tosco, o rasgado, o descosturado, o desmazelado, o gasto, o desfiado, o esgarçado, até então rigorosamente excluídos, vêem-se incorporados no mundo da moda. Reciclando os signos "inferiores", a moda prossegue sua dinâmica democrática, como o fizeram, depois da metade do século XIX, a arte moderna e as vanguardas (Lipovetsky, 1989, pg. 121)".

A partir do levantamento do momento histórico-social da segunda metade do século passado, veremos como a reafirmação de alguns valores e a supressão de outros, provocaram grandes mudanças na nossa percepção de mundo, A juventude, pela primeira vez assumindo uma postura mais atuante e inovadora nos âmbitos político, social, artístico etc; a mídia ganhando uma dimensão maior na divulgação dessas manifestações e o novo, a qualquer custo, se impondo a tudo que lembre tradição, quebraram os paradigmas estéticos na moda, adotados até então. Essa mudança provocou uma verdadeira revolução na cadeia têxtil como um todo e, principalmente na cadeia produtiva do jeans, nas suas técnicas de lavagem e acabamento.

Encontramos aqui um elo com o que afirma Lipovetsky (2004) ao enumerar os elementos que caracterizam a pós-modernidade: "É com a extensão da lógica da moda ao conjunto do corpo social (quando a sociedade inteira se reestrutura segundo a lógica da sedução, da renovação permanente e da diferenciação marginal) que emerge o mundo pós-moderno". Rick Poynor (2002) complementa dizendo que o principal alicerce da Pós Modernidade, se baseia no fato da sociedade contemporânea estar composta por vários grupos diferenciados, com estilos de vida e gostos distintos, nos quais não se justifica a manutenção dos extremismos das vanguardas modernas.

Hoje, temos uma facilidade maior de escolhas individuais, possibilitando e até mesmo valorizando aqueles que fazem dessas opções, sua marca pessoal. Essa atitude se diferencia, e muito, da postura adotada até a metade do século XX, quando os criadores de então determinavam o que seria usado.

O purismo, a norma, a ordem, a direção, a clareza e a articulação propostas pela modernidade, perdem espaço para o hibridismo, a ambigüidade, a distorção, os equívocos e incoerências permitidas na pós modernidade. É através dessa antítese da harmonia e da estética desenvolvida ao longo de séculos, que o defeito vira efeito e passa a ditar as regras do novo fazer. (Poynor, 2002).

Essas mudanças não se restringem a um campo específico, mas a todas as manifestações da cultura humana: o design, a música, a literatura, a arquitetura, a decoração, a moda etc. Muitas normas convencionais foram descartadas, pois não se ajustam mais a esse novo pensar; outras porém, convivem com as novas tecnologias e as novas propostas, criando um universo rico em experimentações e soluções criativas.

Em moda, muitas das soluções criativas, que foram incorporadas ao vestuário, nasceram de erros ou falhas no processo de fabricação que, resultando em um efeito interessante,

acabaram por serem reproduzidas tecnicamente e a fabricação desses “efeitos” passa a constituir um padrão na sua industrialização.

Tais produtos constituem fruto de um grande paradoxo tendo, por um lado, a tecnologia, cada vez mais aperfeiçoada sendo capaz de inventar novas fibras; produzir fios “inteligentes”; tramar construções têxteis de incrível complexidade; elaborar modelagens com requintes de ergonomia e costuras impecáveis, utilizadas no sentido oposto, associando-se ao acaso, ao singular, ao imperfeito.

Nesse percurso, o jeans, peça produzida com o tecido Denim, poderia ser comercializada a partir daí, mas antes, ganha várias lavagens, cada vez mais agressivas que literalmente destroem o tecido ou ainda se vale de sobre-tinturas com o propósito de causar aspectos usados e até mesmo sujos, para aí sim estarem prontos para se exibirem nas vitrinas de moda. Estes objetos de desejo hoje, são vendidos aos milhões e por esse motivo, eleitos como peça-chave desta reflexão.

No decorrer de sua história, desde sua invenção para atender uma demanda de peças resistentes, de início para os marinheiros italianos e posteriormente para mineiros americanos, veremos sua evolução (ler aqui evolução no sentido de sucessão de acontecimentos e não o de deslocamento progressivo), até a contemporaneidade.

O nome jeans, de origem italiana, se refere a uma corruptela da expressão “de Gênova”, referindo-se à vestimenta dos seus marinheiros. Sua ancestralidade é humilde: feito de matéria prima resistente (algodão), em ligamento sarjado, esse tecido era fabricado na cidade francesa de Nimes (daí a denominação denim pela aglutinação da expressão “de Nimes”, pois os franceses não pronunciam o “s” final) e, pela sua durabilidade, utilizado como lona de cobertura. Sua coloração original era o beije e só em meados da década de 1940, recebe o tingimento com um corante extraído da planta “’índigo”, passando assim pela sua primeira maquiagem estética: o índigo blue.

Segundo Nestor Sexe (2007), tão importante foi essa transformação e tão indelével que, até hoje, quando nos referimos ao objeto jeans, imediatamente sua identidade se revela: nós o visualizamos em azul, o original, o mais produzido e o mais usado. Mas essa associação nos leva a conclusões maiores na medida em que o próprio tecido do qual é produzido, o “denim índigo blue” perde seu lugar pois o nome “jeans” se apropria da sua materialidade e o significa. No consenso a palavra aglutina três significados: matéria prima, forma e função, criando uma identidade própria, única, de entendimento quase universal.

Desde que recebeu seu primeiro banho de "Índigo Blue", o jeans sofreu inúmeras transformações e hoje é aceito por várias sociedades, tribos e grupos urbanos.

Ele se transforma de práticas salopetes de trabalhador, em resistentes peças para montaria, no oeste americano ou num rodeio no interior do estado de S. Paulo.

Nos anos 1950 as calças jeans começaram a ficar populares entre os jovens, uma espécie de símbolo da rebeldia. No cinema, filmes emblemáticos como *Rebel without a cause*, com o James Dean e *The wild one*, com Marlon Brando ajudaram a difundir seu uso associando-o à idéia de liberdade e contestação. O jeans, com seu significado de desafio à autoridade, fez com que muitas escolas proibissem os estudantes de usá-las.

Ao longo da segunda metade do século XX, se transveste em bermudas para os skatistas; veste beats, hippies, grunges, happers; exterioriza a revolta com os punks; ganha novas cores, novas lavagens, bordados, brilhos, estampas. Torna-se vítima da moda ou a valoriza adotando nome e sobrenome através das etiquetas, confere status. Na última década vai para as passarelas de moda, não mais como nos anos 1980, através da "Rainha dos Punks", a contestadora Vivienne Westwood, como símbolo de agressividade e rompimento ao "stablishment", mas com a chancela de marcas consagradas da alta costura e do "prêt-a-porter", como Chanel, Fendi, Prada, Gucci etc.

A sua forma segue uma dinâmica entre o conforto e a sedução ora escondendo, ora revelando o corpo que a contém em modelagens retas, begues, over-size, bocas de sino, trompete, skyni, com cinturas que vão de pouco abaixo do busto a pouco acima dos pelos pubianos.

Democraticamente recebe outras fibras na sua estrutura mais íntima, adquirindo outras configurações no seu aspecto exterior ou no toque, quer reforçando a maciez buscada ao longo de anos ou deixando-a mais aderente e sensual.

O jeans é o moderno que se perpetua na pós modernidade. Ele é moderno porque nasceu absorvendo a essência da modernidade enquanto sistema de industrialização; pelo método de construção do tecido; pela elaboração do corante (hoje sintético), pela linha de montagem das peças, pela sua forma adaptável, pelo seu acabamento etc.

Vale aqui falar um pouco sobre o processo de fabricação: Os fios de urdume (no sentido do comprimento do tecido) são tingidos antes de entrarem no tear, e os de trama são brancos. O processo de fabricação das peças tem a seqüência similar a qualquer outra peça do vestuário: é elaborado o projeto de design de acordo com o briefing da empresa com relação ao público alvo, pesquisa de tendências, novas tecnologias, desenvolvimentos, aviamentos etc. É feita então a modelagem e a peça piloto (como é

com relação ao público alvo, pesquisa de tendências, novas tecnologias, desenvolvimentos, aviamentos etc. É feita então a modelagem e a peça piloto (como é chamado o protótipo em moda), Quando aprovada, passa-se à elaboração da ampliação do molde em todos os tamanhos que essa peça será produzida. O processo de encaixe, que vem a seguir, é um quebra cabeças onde todas as peças que compõem os moldes de todos os tamanhos, devem ser colocados sobre a folha de tecido de maneira a economizá-lo ao máximo (esse encaixe pode ser feito manual ou digitalmente). Obtem-se então uma medida de gasto que será usada como referência para a colocação das várias folhas de tecido que irão resultar na produção total das peças. A esse processo damos o nome de enfesto. O corte vem a seguir. A montagem das peças é feita geralmente pelo sistema de "linha de produção" e passa (as de melhor qualidade) por dezesseis máquinas diferentes. Com as calças montadas, dá-se então o processo de lavanderia com o qual essa peça adquire seu aspecto final. Algumas lavagens recebem dois ou mais efeitos sobrepostos, conseguindo-se visuais cada vez mais diferenciados: jeans apenas amaciados; um jeans vintage mais limpo, beneficiado com processo de ozônio; jeans manchados propositalmente com aplicação de corantes fazendo uma releitura do tie-dye; jeans detonados com buracos, manchas e sujos relembrando as peças usadas pelos trabalhadores que deram origem a criação; stone whashed (lavados a pedra) com ou sem enzimas; delavés; destroyed; used; bigode; fast pin; plissado; bigode permanente; lixado; puído; esmerilhado; amaciado etc são alguns desses processos. Após sua neutralização e secagem, entram para o acabamento onde recebem os metais (botões, rebites, ilhoses) , aplicações, bordados etc. e seguem para etiquetagem, controle de qualidade, embalagem e expedição.

Como podemos perceber pela complexidade do produto, o designer deve ter um repertório bastante amplo para que no projeto inicial já se encontre determinada uma peça com todas as características de reprodutibilidade e ainda deixar margem para que os acabamentos na lavanderia, que muitas vezes são manuais, transmitam a sensação de peça única ao seu usuário. Com isso, o jeans satisfaz dois importantes aspectos psicológicos quando da escolha do vestuário: o pertencimento ao grupo e dentro desse grupo, a individualização, o estilo, o diferencial que nos torna únicos.

Baudrillard (1980) afirma que a modernidade introduziu simultaneamente um tempo linear de progresso técnico da produção e da história e um tempo cíclico: o da moda. Em mais uma contradição aparente, a tradição deixa de ser a proeminência do antigo sobre o novo. É a modernidade que inventa os dois e por sua vez ela é sempre, ao

mesmo tempo nova e retrô, atual e anacrônica... “Nossa moda é o jogo da mudança pela mudança”, diz ele.

O jeans vive, como todo objeto de moda esse paradoxo, essa constante busca de renovação, e que para isso se reporta constantemente ao passado, na ânsia da novidade.

Mas não é só no passado que busca sua estética pós-moderna. Híbrido, permite fundir-se com elastano, cupro, tencel e até mesmo, consciente que é das nossas maiores preocupações ambientais, com pets reciclados. Junções essas que vão lhe conferindo status, sensualidade, reflexões simbólicas e valores contemporâneos.

E o jeans vai além: sai do vestuário para a loja de decoração, para a galeria de arte...e ainda permite aos que, não satisfeitos com o que lhes foi oferecido, reforcem a idéia de originalidade, imprimindo modificações constantes, pessoais e únicas ao longo da sua existência.

Referências bibliográficas:

BAUDRILLARD, Jean, Troca simbólica e a morte. S. Paulo: Loyola, 1996

CRANE, Diana. A Moda e seu Papel Social. São Paulo: Ed. Senac, 2006.

LHOTE,Gilles & NOUVEAU, Béatrice. Jeans 150 ans de légende. Neuilly sur Seine: Lafont, 2003.

LIPOVETSKY,Gilles. O Império do Efêmero. S. Paulo: Companhia das letras, 1989.

_____. Os tempos hipermodernos. S.Paulo: Ed.Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean François. O pós-moderno.Trad. Ricardo Correa Barbosa.Rio de Janeiro:J. Olympo,.1986

THAMER, Daise Sabag. A Moda dos Anos 80. S. Paulo: Ind. Gráficas DCI,1988.

Enciclopédia Cinema Year by Year.London, DKL, 2006.

Catálogo Santista Têxtil, 2005.

Periódicos:

Revista I-D, abril, 2008.

Sportswear International, edição número 48. Special: The blue revolution. Milão: Litografia del Sole.

Veja S. Paulo. Ano 41 número 22. S. Paulo: editora abril, 2008.

Webgrafia:

www.guiajeanswear.com.br

www.gangfashion.com

www.marithé&françoisgirbaud.fr